

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
CURSO DE PEDAGOGIA**

LEONI LUPKE ESPIN

**A CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS EM SEU
PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM**

**PONTA GROSSA
2017**

LEONI LUPKE ESPIN

**A CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS EM SEU
PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia no Instituto Superior de Educação Sant'Ana.

Orientadora: Prof^a. Ms. Analia M^a de F^a Costa

PONTA GROSSA

2017



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA

CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

LEONI LUPKE ESPIN

**A CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS EM
SEU PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Pedagogia, do Instituto Superior de Educação Sant'Ana, com a seguinte banca avaliadora:

Orientadora Prof^a. Ms Anália Maria de Fátima Costa 

Banca Prof^a Esp. Ingrid gayer Pessi 

Banca Prof^a Ms Luciana Kubaski 

Ponta Grossa, 27 de novembro de 2017

Aos meus filhos Mateus e Letícia os quais sempre me apoiaram mesmo nos momentos mais difíceis e não me deixaram desistir do meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus pelo dom da vida, por ter dado Seu filho para morrer em meu lugar na cruz do Calvário. Pela oportunidade maravilhosa de poder realizar esse sonho.

Ao meu pai e minha mãe por terem me gerado e educado.

Aos meus filhos Mateus e Letícia.

Quero agradecer à professora Anália Maria de Fátima Costa, que com muita paciência sempre me ajudou, sem sua colaboração não teria condições de realizar este trabalho.

Igualmente agradeço à minha amiga Elza que sempre esteve disposta em me ajudar e me ouvir.

Sou grata também à todas as colegas de classe que me ajudaram de alguma forma.

Quero agradecer à Rosana e ao pequeno Henrique que foram minha maior motivação para a realização desse trabalho.

“Não há docência sem deiscência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina alguma coisa a alguém.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 PROBLEMÁTICA.....	10
1.2 OBJETIVO GERAL.....	10
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	10
2. ALGUNS CONCEITOS SOBRE O DISTURBIO ESPECTRO AUTISTA.....	11
3. CAUSAS TRATAMENTOS INTERVENÇÕES UTILIZADAS COM A CRIANÇA AUTISTA.....	15
3.1 CAUSAS.....	15
3.2 TRATAMENTO.....	16
3.3 INTERVENÇÕES.....	18
4. O PAPEL DO PROFESSOR NO CONTEXTO ESCOLAR E A CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA.....	20
5. METODOLOGIA.....	24
5.1 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA.....	25
5.2 SUJEITO DA PESQUISA.....	25
5.3 PROCEDIMENTOS NA COLETA DE DADOS.....	25
5.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
APÊNDICE.....	38
ANEXOS.....	44

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar de que forma se sistematiza a ação pedagógica referente à socialização e aprendizagem da criança espectro autista no ambiente da sala de aula da Educação Infantil. A escolha metodológica foi pela pesquisa qualitativa, como também pelo estudo de campo. O referencial teórico incluiu temas sobre o conceito do espectro autista; causas, tratamento e intervenções utilizadas com a criança espectro autista e o professor no contexto da Educação Infantil. A pesquisa foi realizada em uma escola particular de ensino em Ponta Grossa e teve como participantes da pesquisa uma professora do Infantil V e uma pedagoga da Educação Infantil. Os recursos de pesquisa foram dois questionários com questões abertas e fechadas destinados às participantes da pesquisa. Após a análise dos dados verificou-se que a ação pedagógica tanto da professora como da pedagoga contribuem para que a inclusão da criança espectro autista aconteça no ambiente escolar, proporcionando melhorias significativas em sua aprendizagem, linguagem e socialização.

Palavras-chave: Espectro Autista. Educação Infantil. Professor. Socialização. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo visa investigar como acontece o trabalho do professor no contexto da Educação Infantil, referente ao processo de socialização e aprendizagem da criança espectro autista.

O interesse pelo tema surgiu a partir de minha vivência como professora tutora de um aluno com espectro autista, inserido no infantil V da Educação Infantil de uma instituição particular de ensino na cidade de Ponta Grossa-Pr e certificar-me do quanto é significativo o trabalho com a criança especial de modo pessoal e profissional.

Sabe-se que criança espectro autista vive em seu mundo particular, não gosta de mudanças de ambientes, prefere rotinas, tem dificuldade em socializar com as outras crianças, segundo Wehmuth e Antoniuk (2013, p26),

[...] O autismo foi descrito classicamente como doença da década de 40, por dois autores em diferentes locais do mundo, Kanner e Asperger, que descreveram séries de pacientes com as características do autismo clássico que conhecemos hoje. O autismo passou a fazer parte do DSM a partir da década de 80, com critérios específicos para o seu diagnóstico, os quais vem sofrendo mudanças nestes últimos anos.

Verifica-se assim que o estudo sobre o distúrbio do espectro autista há tempos vem sendo discutido na busca de acertos em seu diagnóstico.

De acordo com os autores supracitados, o tratamento da pessoa espectro autista é multidisciplinar para isso,

[...] é necessário acompanhamento médico com uso de medicações para tratamento sintomático, quando necessário. O acompanhamento ideal deve ser realizado com psicologia, com terapias específicas para o autismo, fonoaudiologia, terapia ocupacional, pedagogia, fisioterapia, equoterapia, musicoterapia, etc. Além do apoio à família e suporte a escola no acompanhamento dessas crianças. (WEHMUTH e ANTONIUK, 2013, p.32)

Desse modo, entende-se que se faz necessário um trabalho com uma equipe multidisciplinar para a garantia de um trabalho com qualidade junto a criança com espectro autista.

Assim, esta pesquisa terá seu olhar voltado para a atuação do professor referente os desafios por ele enfrentado no trabalho escolar com a criança espectro autista.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO

- Como vem sendo trabalhado os aspectos didáticos, na Educação Infantil, no tocante à criança espectro autista?

1.2 OBJETIVO GERAL

- Analisar de que forma se sistematiza a ação pedagógica referente a socialização e aprendizagem da criança espectro autista no ambiente da sala de aula da Educação Infantil.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a respeito dos diferentes conceitos sobre espectro autista
- Aprofundar conhecimentos sobre as causas, tratamento e intervenções utilizadas com a criança espectro autista.
- Verificar como acontece a prática pedagógica do professor com relação ao processo de ensino e aprendizagem de um aluno espectro autista, do Infantil V da Educação Infantil de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Ponta Grossa- PR.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho está assim disposto: o primeiro capítulo trata em linhas gerais o tema estudado, a problemática da pesquisa e os objetivos de ordem geral e específicos.

O segundo capítulo versa sobre os conceitos do espectro autista.

O terceiro capítulo discute sobre as causas, tratamento e intervenções utilizadas com a criança espectro autista.

Quanto ao quarto capítulo, o mesmo discorre sobre o professor no contexto da educação infantil e a criança espectro autista.

O capítulo quinto aborda a metodologia utilizada para a elaboração da pesquisa, procedimentos adotados para a coleta de dados e análise dos resultados obtidos no estudo.

. O sexto capítulo descreve as considerações finais.

2. ALGUNS CONCEITOS SOBRE O DISTÚRBO ESPECTRO AUTISTA

A temática sobre o distúrbio espectro autista tem chamado a atenção de inúmeros pesquisadores em diferentes áreas de conhecimento, inclusive na educação. Saber como trabalhar com a criança espectro autista, nem sempre é tarefa fácil, é necessário entender as variações de comportamento desta criança, o que lhe causa tranquilidade ou agitação, saber como acalmá-la em seus momentos difíceis. Enfim, compreender como funciona seus mecanismos de comunicação, socialização e aprendizagem, torna-se um desafio para a comunidade educacional.

Segundo Wehmuth & Antoniuk (2013, p.26),

[...] Autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com causas múltiplas e graus variados de comportamento. A classificação usada até o início 2013 para o diagnóstico do autismo era baseada no DSM IV (Diagnostic and Statistical Manual off Mental Disorders IV) Classificação usada pela Academia Americana de Psiquiatria. No DSM IV, o autismo fazia parte dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), caracterizado por prejuízo em três áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social, Habilidade de comunicação e presença de comportamento estereotipados e/ou interesses restritos. As manifestações do transtorno variam imensamente dependendo do nível de desenvolvimento e idade cronológica do indivíduo, e tem início antes dos três anos de idade

Assim descrito, o transtorno de espectro autista, não é considerado uma doença e sim, um distúrbio que afeta três áreas do desenvolvimento do ser humano: a comunicação, interação social e interesses restritos, podendo apresentar-se antes dos 3 (três) anos de idade.

Os estudos sobre o distúrbio do espectro autista datam há tempos na história da sociedade,

[...] o termo Autismo foi usado pela primeira vez por Bleulerem 1911. Mediante a observação de pacientes com esquizofrenia, Bleuler notou comportamentos diferentes em determinado grupo de pacientes, com isolamento social mais pronunciado e estereotipias e uma perda do contato com a realidade. (WEHMUTH & ANTONIUK,2013, p. 25)

Desse modo, após feita a observação de alguns pacientes com esquizofrenia, verificou-se comportamentos diferentes entre eles e assim o termo autismo, passa a

ser adotado pois, os pacientes assim diagnosticados apresentavam mais isolamento social que outros, gestos repetitivos e a perda do contato com a realidade, diferenciando-se assim do quadro de esquizofrenia.

Segundo Laurent (2014) a partir do diagnóstico do autismo ter a preferência entre as doenças infantis da desordem mental, na Califórnia o autismo foi considerado uma epidemia pelo número elevado de crianças com autismo que receberam assistência especializada, triplicou do ano 1987 a 1998 e dobrou nos quatro anos seguintes.

Verifica-se, que a partir do momento em que os especialistas passaram a ter um olhar mais atento em relação ao diagnóstico do autismo no meio infantil, o número de crianças descritas como autistas cresceu consideravelmente.

Para Carvalho:

[...] O transtorno do Espectro Autista (TEA) é um Transtorno do Desenvolvimento neurológico e deve estar presente desde o nascimento da criança ou o começo da sua infância, porém pode não ser observado antes por conta da demanda social mínima, na mais tenra infância, e do intenso apoio dos pais e/ ou responsáveis nos primeiros anos de vida. (CARVALHO, 2013, p.89)

Acredita-se, que a criança espectro autista já nasce com esse transtorno neurológico, no entanto, muitas vezes passa despercebido tanto pelos pais como pelas pessoas que a rodeia por conta de a necessidade de comunicação ser menor no início da vida.

A Organização Mundial de Saúde – OMS em 2017 calcula que o autismo afeta uma criança em cada 160 crianças no mundo. A condição chamada de transtorno de espectro autista geralmente tem início na infância e persiste até a idade adulta. O que se sabe, é que hoje existem leis de proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista, praticamente no mundo inteiro.

No contexto brasileiro, a Lei 12.764/12 institui a “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”, e em seu art. 1º, parágrafo 1º, incisos I e II, a qual considera a pessoa com o transtorno do espectro autista a que apresente as seguintes características:

I-deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, manifestada por deficiência marcada de

comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II-padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

Este documento traz importante avanço na sua concepção ao reafirmar o direito universal do acesso à saúde dessas pessoas e ainda fazer articulações com Educação e a Assistência Social. Essa lei Federal de nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, levou o nome de Lei Berenice Piana, pelo esforço de uma mãe, do Rio de Janeiro, na luta dos direitos de seu filho autista, vindo a se tornar referência no país ao batalhar pela aprovação do projeto no Congresso Nacional.

Desta forma, a pessoa espectro autista vem garantindo seu espaço social e educacional junto a sociedade, assegurado por lei.

Segundo o Sistema Estadual de Legislação, a Lei 17.555 de 30 de abril de 2013, que instituiu diretrizes para uma política Estadual de proteção aos direitos da pessoa com autismo nos mesmos parâmetros da lei federal, o Paraná passou a contar com uma orientação para a implantação de políticas públicas.

A Lei 17.555 /13 em seu art. 1º, §1º prescreve:

Para efeitos desta Lei, será considerada pessoa com TEA aquela com prejuízo na comunicação e nas relações sociais, conforme critérios clínicos definidos na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde - CID e na Organização Mundial de Saúde - OMS.

Quanto ao art.3º a referida Lei supracitada prevê:

Quando da formulação e implantação das políticas públicas em favor das pessoas com TEA, deve o Estado estabelecer as seguintes diretrizes junto às Instituições de Ensino por ele mantidas:

I - Utilizar profissionais/docentes das Universidades, de forma a auxiliar o Estado na formação de profissionais aptos a diagnosticar o TEA precocemente, por meio de cursos, palestras e programas de incentivo profissional;

II - Implementar a criação de um cadastro das pessoas Autistas visando a produção de pesquisas que auxiliem as famílias;

III - promover a inclusão dos estudantes com TEA nas classes comuns de ensino regular.

Parágrafo único. O Estado incentivará a formação e a capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com TEA e, ainda, indicará junto às Universidades Estaduais a inserção no seu quadro de disciplina do estudo do Autismo em seus cursos de medicina e outros ligados à área de saúde.

Assim descrito pela Lei 17.555/13 em seus respectivos artigos citados acima, cabe ao Estado o incentivo da formação de profissionais aptos para um diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista, possibilitando a inclusão nas classes comuns ensino regular dessas crianças garantindo-lhes o acesso ao processo de ensino e aprendizagem, como também da inclusão.

Acredita-se que mediante a atual legislação, as pessoas com transtorno de espectro autista-TEA e seus familiares têm recebido um apoio maior por parte de profissionais, órgãos públicos e também pela comunidade em geral, uma vez que há pouco tempo não acontecia tanto no contexto social como no educacional.

3. CAUSAS, TRATAMENTO E INTERVENÇÕES UTILIZADAS COM A CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA

3.1 CAUSAS

O Transtorno do Espectro Autista, é descrito de modo geral como um transtorno neurológico que pode acometer pessoas sem escolher gênero, classe, cor ou credo. Assim, tanto os profissionais da área da saúde como da educação devem estar atentos aos diferentes comportamentos apresentados pela criança principalmente em seus primeiros anos de vida.

De acordo com Surian,

Até agora os principais instrumentos à disposição do médico para diagnóstico do autismo tem sido o conhecimento dos critérios, sua experiência com criança com desenvolvimento típico e atípico, a observação direta da criança e as informações obtidas dos pais e de outros adultos que cuidam da criança. Muito frequentemente são exatamente estes, ou o pediatra a terem as primeiras suspeitas de um desenvolvimento anômalo que, em seguida, levam a uma avaliação diagnóstica. (SURIAN, 2010, p.26).

Certamente para que os médicos possam chegar a um diagnóstico mais preciso das causas do nascimento da criança espectro autista, necessitam além da experiência profissional, dos relatos dos pais da criança quanto a seu comportamento e desenvolvimento, uma vez que nem sempre é fácil ter um laudo exato a respeito do paciente.

Teixeira descreve que,

[...] não sabemos exatamente as causas do Autismo, entretanto, podemos enumerar diversos fatores de riscos que parecem favorecer o desenvolvimento dessas condições comportamentais, incluindo fatores genéticos e ambientais. (TEIXEIRA, 2016, p. 33).

Mesmo não se tendo de forma clara as causas do autismo, diversos fatores apontam para questões relacionadas de ordem genética como também ambientais.

Mello corrobora descrevendo:

As causas do autismo são desconhecidas. Acredita-se que a origem do autismo esteja em anormalidade em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética, além disso, admite-se que possa ser causado por

problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto. (MELLO, 2004, p.17)

Assim, reafirma-se que as causas relatadas sobre o autismo são em parte desconhecidas, podendo estar relacionadas a diferentes fatores.

Para Teixeira (2016) o autismo não tem um diagnóstico específico, mas alguns fatores de risco podem ser citados, como os genéticos e os ambientais. Os genéticos, pais com um filho com autismo tem a maior probabilidade de ter outro filho com autismo, alguns estudos também mostram que crianças com outras síndromes como a Síndrome de Down e a Síndrome do X Frágil apresentam maior chance de desenvolver o autismo.

O autor supracitado relata também que fatores ambientais que podem interferir no período gestacional, doenças congênitas, como a rubéola, encefalites, meningites, uso de drogas, má nutrição materna e outros fatores, mas apenas hipóteses, poderiam alterar fatores imunológicos e bioquímicos, preestabelecendo e até mesmo desencadeando o autismo (TEIXEIRA, 2016).

Constata-se, novamente as dificuldades em se ter um diagnóstico preciso sobre as causas do espectro autista.

Para Sandberg & Spritz (2017, p. 17), “o autismo é um transtorno do desenvolvimento com base neurológica, caracterizado por déficits no domínio das comunicação, interação social e comportamento”.

Os referidos autores reforçam a definição do conceito do transtorno do espectro autista no que diz respeito às questões neurológicas, às dificuldades comportamentais, linguagem e interação social que essas pessoas apresentam.

De acordo com as premissas acima, as causas do transtorno do espectro autista ainda não são claras, não se podendo afirmar uma origem específica sobre o quadro apresentado.

3.2 TRATAMENTO

Há tempos a ciência busca tratamento para a pessoa espectro autista, mas com pouco sucesso, o que pode ajudar é se ter um diagnóstico o mais precoce possível e iniciar a intervenção estimulando sua interação social, comunicação e aprendizagem.

Para Teixeira, no que diz respeito ao tratamento do Transtorno do Espectro Autista,

[...] O primeiro passo para o tratamento do autismo é a criação do Plano Individual do Tratamento (PIT). Esse PIT consiste em um projeto de tratamento que leva em consideração todas as necessidades individuais da criança com autismo. Lembre-se que o transtorno de espectro autista engloba uma série de possibilidades e cada paciente apresenta necessidades diferentes do outro. (TEIXEIRA, 2016, p. 55).

Desse modo, para que seja possível iniciar o tratamento com a criança espectro autista, deve-se levar em conta suas necessidades específicas e trabalhar de acordo com suas possibilidades para se alcançar os objetivos previstos.

Em relação a questão medicamentosa a ser aplicada à criança espectro autista quando se faz necessário, também é motivo de polêmicas pois,

A farmacopeia, tão útil nas psicoses, tropeça no autismo, para o qual ainda falta o medicamento de referência. Logo só resta inventá-lo confiando em algumas hipóteses. Apesar de engenhosidade de que os laboratórios dão prova quanto a invenção de remédios para tudo, topamos aqui um limite: nenhuma instituição nacional e saúde no mundo aceita pagar o reembolso de um tratamento farmacológico para o autismo. (LURENT, 2014, p. 66)

Desse modo, este conjunto de informações técnicas que retratam a nomenclatura das substâncias dos medicamentos básicos para psicoses, entre outros e toda tecnologia na descoberta de novos medicamentos para diferentes patologias, ainda não se tem conseguido até o momento um medicamento específico para a pessoa espectro autista que venha melhorar sua qualidade de vida.

Wehmuth & Antoniuk (2013, p.35) descrevem ainda, que os medicamentos que agem no "Sistema Nervoso Central são para normalizar o fluxo dos neurotransmissores (NT), que são substâncias que levam os impulsos nervosos de um neurônio a outro". Por isso é importante que qualquer medicamento seja rigorosamente prescrito com orientação médica pois,

[...] a indicação do tratamento farmacológico para crianças com Transtorno Espectro Autista (TEA) visa ao tratamento de morbidades psiquiátricas ou neurológicas, ou de sintomas comportamentais que interferem no aprendizado, na socialização, na qualidade de vida, na saúde ou no funcionamento global da criança. (WEHMUTH & ANTONIUK, 2013, p36).

Assim, o uso medicamentoso colabora para que estas crianças tenham condições de aprender e ter uma vida mais saudável

Existem também outros tipos de tratamentos recomendados para a pessoa com espectro autista, que não o alopático, é o caso dos tratamentos alternativos como descreve Teixeira (2016, p.57-58),

[...]Tratamento alternativo, algumas das modalidades utilizadas são dietas especiais, reposição vitamínicas, homeopatia, acupuntura, suplementação com sucos e ervas medicinais, quelação e outros tratamentos sem comprovação científica. Infelizmente ainda não existe cura para o autismo, portanto desconfie de intervenções terapêuticas "mágicas" que prometam eliminar sintomas ou curar o autismo. Sempre que tiver dúvida sobre o tratamento, procure orientação do médico especialista. (TEIXEIRA, 2016, p. 57-58).

Assim descrito, verifica-se que os tratamentos alternativos não têm sua eficácia comprovada cientificamente. Desse modo deve-se ter certos cuidados na administração destes tratamentos.

Segundo Sandberg e Spritz (2017) geralmente os medicamentos são receitados pelos médicos a pedido dos pais dos pacientes com transtorno de espectro autista, por apresentarem comportamentos agressivos, ou por não responderem a outras intervenções comportamentais ou quando a criança não tem capacidade de participar de certas intervenções terapêuticas. Nestes casos o uso medicamentoso se faz necessário para a melhoria na qualidade de vida dessas pessoas.

É certo que cada pessoa espectro autista apresenta um perfil de comportamento, linguagem, socialização e é de acordo com essas características que o tratamento vai ser direcionado.

3.3 INTERVENÇÕES

A partir do momento em que criança é diagnosticada como espectro autista, ela é amparada por lei e deve ser respeitada de acordo com suas especificidades para que possa desenvolver suas habilidades e potencialidades como qualquer outra criança.

Com relação às intervenções necessárias para se garantir uma melhora no quadro geral da qualidade de vida da pessoa espectro autista, inclusive no que diz

respeito à socialização, comunicação e aprendizagem, o trabalho deve ser realizado em conjunto envolvendo diferentes profissionais, não desconsiderando em momento nenhum a ajuda da família uma vez que,

Para serem eficazes os programas de intervenção devem garantir uma estreita colaboração entre pais, educadores e profissionais de serviços sociais e de saúde. Não há cura para o autismo, mas existem técnicas e atividades educativas que podem ajudar a criança em seu caminho para um suficiente autocontrole, uma maior independência e em geral uma vida melhor. (SURIAN, 2010, p.99)

Desta forma, a intervenção só será bem sucedida se houver uma força tarefa entre todos os envolvidos, pais, profissionais da saúde, assistência social e da educação, inclusive da própria pessoa espectro autista.

Entre várias metodologias para a intervenção com a criança espectro autista tem-se o TEACCH -Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos da Comunicação, que é assim descrito:

O TEACCH se baseia na organização do ambiente através de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como compreender o que se espera dela. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACCH visa desenvolver a independência da criança de modo que ele necessite do professor para o aprendizado, mas que possa passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente. (MELLO, 2005, p.36)

É certo que se o referido método for bem aplicado poderá contribuir para que a criança com espectro autista através de rotinas pré-estabelecidas adquira gradativamente sua independência, melhorando também sua comunicação e socialização.

Outra metodologia que pode ser trabalhada com a criança espectro autista é o PCS - Sistema de Comunicação por Troca de Figuras, que Valiati & Gusso (2013, p.102), descrevem desta forma:

Crianças autistas sem fala articulada, após o uso do PECS, passaram a comunicar seus desejos com a pessoa comunicativa, entregando uma figura e obtendo o que desejavam. Desde sua publicação, vários resultados com a utilização do Manual de Comunicação alternativa PECS foram apresentados, em que a

crianças com TEA passam a usar de 30 a 100 figuras, mesmo as que usavam a fala não funcional.

Sabe-se que a criança com espectro autista apresenta dificuldade na comunicação verbal, tendo como alternativa o trabalho com PCS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras), a probabilidade de comunicação com seus pares cresce consideravelmente.

Segundo Teixeira (2016) o trabalho do Fonoaudiólogo também é importante quanto ao estímulo da comunicação verbal ou não verbal no paciente com transtorno do espectro autista, podendo haver ganhos significativos na fala, na linguagem não verbal, melhoras na sua autonomia e auto estima. Assim, a intervenção desse profissional em muito contribuirá na qualidade de vida dessa pessoa.

Ainda segundo o autor antes mencionado a terapia ocupacional tem como objetivo tornar o indivíduo espectro autista capaz de realizar tarefas simples como: vestir-se, alimentar-se, tomar banho e se familiarizar com outras crianças, a autonomia é o objetivo da terapia ocupacional (TEIXEIRA,2016). Com esse tipo de atendimento aumenta as possibilidades de independência da pessoa com esse transtorno permitindo-lhe uma melhora em sua performance.

Surian (2010), descreve que em muitas pessoas autistas, como também com seus pais podem ocorrer quadros de depressão, ansiedade entre outros, o recomendável seria,

Estes estados emocionais dolorosos podem ser atenuados mediante uma boa psicoterapia. O importante é esclarecer que essas intervenções não propiciam uma cura do o autismo, são mais um auxílio para se enfrentar a tristeza e a angustia gerada por uma situação objetivamente muito difícil. (SURIAN, 2010, p.112)

A psicoterapia pode auxiliar a pessoa espectro autista e seus familiares, a suavizar o sofrimento e passam a vislumbrar dias melhores.

Acredita-se que as diferentes intervenções nas propostas do trabalho com a pessoa espectro autista aqui descritas, podem ajudar na melhora da qualidade de vida da própria pessoa, de seus familiares e das pessoas mais próximas.

4. O PAPEL DO PROFESSOR NO CONTEXTO ESCOLAR E A CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA

Em relação ao contexto escolar, a inclusão da criança espectro autista é um grande desafio, pois nem sempre o professor da classe sabe como conduzir o processo de ensino e aprendizagem, como também as questões de ordem comportamental e de linguagem que esta criança apresenta.

Para Keinert & Antoniuk,

[...] as alternativas educacionais: este tema levanta em primeiro instância a questão da inclusão, pois ao pensar em alternativas educacionais nos deparamos com a instituição Escola, que é o meio de aprendizagem formal utilizado em nossa sociedade. Em relação ao sujeito com Espectro Autista, é necessário analisar qual meio poderá proporcionar maior qualidade de vida e melhores condições de aprendizagem, em função do grau de comprometimento nas diversas áreas. (KEINERT & ANTONIUK, 2012, p. 127).

Por isso é importante no contexto escolar primeiramente propiciar a inclusão da criança espectro autista e a posteriori verificar quais metodologias e estratégias de ensino lhe oportunizam sucesso em seu aprendizado e interações sociais.

Entende-se o quanto é difícil trabalhar com um aluno espectro autista em sala de aula juntamente com os demais alunos, neste sentido, ter o auxílio de outro profissional colaborando neste processo escolar, em muito contribui para a qualidade de ensino de todos os envolvidos, segundo Teixeira,

[...] O mediador escolar trabalha auxiliando a criança na sala de aula e em todos os ambientes escolares, como um *personal trainer*, regulando e ensinando regras sociais, estimulando a comunicação e sua participação em sala, acompanhando sua interação social com outras crianças, corrigindo rituais e comportamentos repetitivos e acalmando o estudante em situações de irritabilidade impulsividade. (TEIXEIRA, 2016, P.70).

Com a presença do mediador escolar junto a criança espectro autista a possibilidade da inclusão, aprendizagem e interação com seus pares cresce consideravelmente em sala de aula, no entanto nem sempre isso é possível, pois geralmente não pode-se contar com a presença desse profissional no ambiente escolar.

Outro ponto importante na vida escolar da criança espectro autista é a presença da família presente acompanhando seu caminhar pois,

[...] e para ajudar, antes, é preciso aceitar. Reconhecer que a criança tem autismo ou qualquer transtorno que esteja comprometendo o desenvolvimento. Aceitar e não deixar o seu bebê escondido em casa é muito importante. Não ligue para o que os outros vão pensar. Seu compromisso é com o seu bebê. (JUNIOR,2012, p.55-56)

Quando os membros da família aceitam a criança com espectro autista com suas especificidades, poderão trabalhar juntos, pois ela precisa entender que é amada e querida por todos.

Ainda segundo Junior (2012, p. 56),

É imprescindível ficar claro que não dá para tratar algo que nós mesmos não acreditamos plenamente existir. É preciso encarar a realidade com determinação. Aceitar que sua criança tem autismo não significa abrir mão de acreditar que ela vá evoluir, que terá muitas conquistas, não deixe de sonhar. Mas é preciso viver no mundo de realidade para se trabalhar rumo ao sonho.

Desse modo, é relevante o apoio da família para o progresso no desenvolvimento do filho espectro autista, nos diferentes espaços em que ela conviva. Em relação ao contexto educacional devem estar atentos e acompanhar, como o desempenho de seu filho (a) escolar acontece pois,

[...] o desempenho escolar das crianças com espectro autista depende muito do nível de acometimento do transtorno. As crianças com um nível mais grave de autismo podem apresentar atraso mental e permanecer dependentes de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente com traços artísticos, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didáticos pedagógicos. (SILVA, GAIATO E REVELES, 2012,p.109)

Portanto, o progresso e evolução escolar da criança espectro autista vai depender especificamente do nível do transtorno que este apresenta, podendo ter variáveis quanto a apropriação do conhecimento.

De acordo com Keinert & Antoniuk (2012), há crianças com espectro autista que apresentam facilidades em determinadas áreas de conhecimento e outras apontam sérias dificuldades. É o caso de algumas crianças apresentarem facilidades

em cálculos matemáticos e nenhuma facilidade na interpretação de texto, por exemplo.

Neste sentido é importante que o professor ciente das dificuldades e das facilidades no aprender de seu aluno, realize propostas diversificadas de atividades escolares que contemplem essas características para que se possa ter sucesso no ato de aprender.

Em relação as atividades diversificadas que facilitem o processo de ensino e aprendizagem da criança espectro autista, Mello (2005, p45), descreve que,

[...]o uso do computador como apoio a crianças portadoras de autismo é relativamente recente em comparação as outras intervenções citadas. A AMA¹ de São Paulo desenvolveu uma técnica que teve resultados muito interessantes. Consiste na utilização de computador como apoio ao aprendizado da escrita em crianças que já haviam adquirido a leitura e, por dificuldades na coordenação motora fina ou desinteresse, não conseguiam adquirir a escrita através dos métodos tradicionais de ensino

À vista disso, o uso do computador aparece também como mais um recurso que pode contribuir no progresso do desenvolvimento aprendizagem da criança espectro autista, principalmente para aquela com dificuldades de coordenação motora fina, uma vez que apresentam dificuldades na destreza manual.

Para Silva, Gaiato & Reveles (2012,p.114 e 115):

[...] o professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. Com amor, dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança. O primeiro passo é o conhecimento. Informações específicas sobre o funcionamento artístico são ferramentas essenciais para orientar o professor no trato com esse aluno e, sobretudo, auxiliá-lo em seu desenvolvimento.

Assim, além do professor precisar ter conhecimento sobre o desempenho da criança espectro autista, o envolvimento afetivo através de pequenos gestos em muito pode colaborar no desenvolvimento dessas crianças.

Pode-se afirmar que o trabalho escolar do professor com a criança espectro autista não é tarefa fácil, no entanto se esse profissional estiver imbuído de

¹ O termo AMA (Assistência Médica Ambulatorial) foi criado na gestão do prefeito José Serra (PSDB) para designar ambulatórios de pronto-atendimento.

dedicação e disposto a aprofundar conhecimentos de que como se trabalha com a criança especial, com certeza fará um trabalho competente colaborando em muito na qualidade de vida dessa criança, propiciando-lhe uma aprendizagem significativa.

5. METODOLOGIA

Na elaboração de um estudo de cunho científico é importante a aplicação de uma metodologia que favoreça diretrizes para chegar a uma determinada resposta. De acordo com Gil (2010, p.8) a metodologia é um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos”, e é a partir de uma metodologia que se desenvolve o delineamento da pesquisa na busca de novos conhecimentos.

O presente estudo teve como objetivo: analisar de que forma se sistematiza a ação pedagógica referente a socialização e aprendizagem da criança espectro autista no ambiente da sala de aula da Educação Infantil, para tanto foi empregado a pesquisa de natureza qualitativa, que Godoy (1995, p.58) assim descreve,

[...] considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados

A natureza desta pesquisa foi efetivada a partir dos dados coletados através do questionário aplicado às participantes da pesquisa.

Foi também realizado um estudo de campo que para Gil (2010, p.66), “[...] procura o aprofundamento de uma realidade específica”.

Esse ato ocorreu no momento da aplicação do questionário à professora regente de classe e à pedagoga responsável pela Educação Infantil da escola pesquisada.

Com a intencionalidade de investigar mais sobre a temática o referencial teórico foi embasado nos seguintes autores: Cornel (2013); Omari, Wehmuth e Antoniuk (2013); Franco e Guerra (2015); Junior (2012); Rocha (1997); Teixeira (2016); Sandemberg e Spritz (2017); Laurent (2014); Mello (2005).

Por meio desta pesquisa constatou-se a importância do papel do professor na inclusão da pessoa espectro autista, comprovada a partir das respostas dadas pela professora e pedagoga participantes da pesquisa como também do estudo dos diferentes autores que tratam sobre o tema.

5.1 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu em uma escola particular de ensino, que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio, localizada na cidade de Ponta Grossa –PR.

5.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada entre os dias 01 a 30 do mês de agosto de 2017 e teve como sujeito da pesquisa 1 (uma) Professora e 1 (uma) Pedagoga da Educação Infantil, as quais serão mencionadas da seguinte forma:

- **K** -para a professora
- **L**- para a pedagoga

As opiniões das participantes da pesquisa apresentadas ao longo do texto, serão destacadas em fonte itálica entre aspas.

5.3 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Primeiramente foram entregues o termo de Autorização Institucional (Anexo I) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Anexo II), respectivamente para Direção, Pedagoga e Professora da Instituição, para tornarem ciência da pesquisa e realizarem as assinaturas de autorização e consentimento.

Como proposta metodológica de pesquisa foi aplicado um questionário (Apêndice A) contendo 8 (oito) perguntas abertas e 2 (duas) fechadas para a Professora e outro questionário (Apêndice B) com 4 (quatro) perguntas abertas e 3 (três) fechadas para a Pedagoga, com o objetivo de verificar como ocorre o processo de socialização e aprendizagem do aluno com Espectro Autista.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados ocorreu a partir das respostas dos questionários aplicados à professora e pedagoga, com o propósito de tomar conhecimento do processo de ensino, aprendizagem e socialização da criança espectro autista que frequenta o Infantil V da Educação Infantil da escola pesquisada.

APÊNDICE A

A análise do questionário (Apêndice A) destinado à professora ocorreu através das perguntas a seguir.

A primeira questão buscou identificar a formação da professora e a quanto tempo atua na Educação Infantil V A qual respondeu:

- **K**—*“formação no Magistério e curso superior em Licenciatura em Pedagogia e atua a 9 (nove) anos na Educação Infantil”*.

A partir da resposta de **K**, percebe-se que possui uma longa experiência com alunos da Educação Infantil.

A segunda questão, foi uma pergunta fechada, com 2 (duas) opções de resposta, sendo perguntado: Em sua sala de há alguma criança diagnosticada como espectro autista?

() sim () Não

Idade da criança com espectro autista: _____

A pergunta foi respondida da seguinte forma:

- **K** - *“Sim, e que esse aluno tem 7 (sete) anos”*.

Na terceira pergunta, questionou-se: Qual metodologia você utiliza para trabalhar com o aluno espectro autista? Realiza adaptação curricular? De que forma? Ao que respondeu:

- **K**—*“Que realizo adaptações principalmente nas atividades de escrita.*

Nas atividades de rotina está adaptando o método TEACCH”.

Através da resposta da professora constatou-se que esta realiza adaptação curricular para esse aluno, utilizando- se do método TEACCH.

Em relação ao método TEACCH .(MELLO, 2005, p.36) descreve,

[...] o TEACCH se baseia na organização do ambiente físico através de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como compreender o que se espera dela.

O método TEACCH, pode auxiliar o professor tanto na organização do ambiente quanto nas variadas formas de organizar as rotinas do aluno com Espectro Autista.

Em relação a quarta questão, a pergunta foi a seguinte: Em relação a aprendizagem deste aluno espectro autista como ela acontece? Quais suas principais dificuldades e facilidades no aprender? Obteve-se a seguinte consideração:

- **K-** *“No caso do meu aluno ele é Espectro Autista e tem atraso mental, ele quase não responde as atividades da turma, mas estamos tentando adaptar para que ele possa estar realizando as atividades conforme o que observamos em sala. Estamos em adaptações pois, é o primeiro ano no infantil 5 (cinco) ”.*

A partir da resposta obtida pela Professora **K**, percebe-se que não é uma tarefa fácil trabalhar com o aluno espectro autista associado a um atraso mental, no entanto está tentando trabalhar a partir da adaptação curricular, pensando com certeza na melhor forma de ensinar.

Segundo Orrú (2012,p.104),

A partir dos pressupostos da abordagem histórico-cultural centrada em Vygotsky, podemos perceber a realidade educacional em que vivemos, muitas vezes impedindo a pessoa com necessidades especiais de se desenvolver plenamente, por causa das conclusões preconceituosas acerca da sua aprendizagem. No entanto, se ela tiver acesso ao contato com o outro e a orientação pedagógica adequada e organizada, seu desenvolvimento poderá ocorrer pelo acesso à cultura que é produzida historicamente.

Desse modo, se a pessoa com deficiência receber o atendimento pedagógico de acordo com suas necessidades e especificidades poderá ter ganhos significativos em sua aprendizagem.

Na quinta pergunta foi questionado: Durante o decorrer das aulas o aluno espectro autista socializa-se com os demais alunos? Como acontece essa interação? Foi apresentada seguinte a resposta:

- **K-** *“Sim, ele participa da rotina e das atividades, exceto em momentos em que está bem agitado.*

Pode-se perceber pela resposta da professora que o aluno de certa forma interage com seus pares, mas há momentos que seu comportamento atípico prevalece, nestes momentos é importante a presença dedicada do professor, uma vez que,

A dedicação deve ser grande, principalmente na individualização de todos os processos, tanto na área social como pedagógica. A manutenção da rotina que é fonte de segurança da criança, não apenas uma mania a mais, como é muitas vezes tratada. Eles precisam sim dessa rotina, que permitirá a previsão de seus próprios atos. (KEINERT & ANTONIUK, 2012, p. 319).

Desse modo, é importante que se tenha conhecimento que a rotina sistemática faz parte do cotidiano da criança espectro autista e a quebra dessa rotina pode desestruturar a criança trazendo-lhe prejuízos principalmente na área comportamental.

Na sexta pergunta, foi abordado: Como se realiza a avaliação desse aluno espectro autista? A resposta foi a seguinte:

- **K** - “ *A avaliação é realizada através de atividades adaptadas para o aluno* ”.

A partir da resposta da professora tomou-se conhecimento que a forma de avaliação se faz por meio de atividades adaptadas, o que se acredita que este critério possa beneficiar essa criança respeitando assim sua particularidade.

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Por meio dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos com objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessária. (LIBÂNEO, 2013, p.216)

Entende-se que, a avaliação é necessária para saber se os objetivos apresentados foram alcançados pelos alunos, como também serve para detectar o desempenho professor.

Na sétima pergunta, teve-se o seguinte questionamento: Você recebe orientação para trabalhar com o aluno com espectro autista? Como isso ocorre? A professora respondeu desta forma:

- **K**- *Sim. A coordenadora da Educação Infantil e as colegas que também têm alunos especiais, através de diálogos, pesquisas”.*

Segundo a professora **K**, ela recebe orientação da coordenadora pedagógica, realiza troca de experiências com as colegas de trabalho e também faz pesquisas para conhecer mais sobre a temática autismo.

Silva e Neves (2010, p 15), relatam que,

[...] Considerando o atual papel dos Estados nacionais no sentido de atender as exigências no processo de mundialização do capital, percebe-se que as políticas educativas, implementadas, tem orientado os cursos de formação inicial, para atuarem no desenvolvimento de “competências e habilidades”, em detrimento da apropriação de conhecimento científico. Além disso priorizam-se os processos de formação continuada.

O incentivo à formação continuada é imprescindível para todo professor que, indiferente de ter em sua classe o aluno especial ou não, necessita de estar em constante aprimoramento para manter sua prática pedagógica atualizada.

Quanto a oitava pergunta, o questionamento foi o seguinte: Como acontece a relação do professor e o aluno espectro autista?

- **K-** *“O aluno tem sua tutora, a qual ele já está bem adaptado e a professora faz as adaptações, observa e quando ele consegue realizar alguma tarefa, é uma festa, a tutora então tem um momento e conversa de elogios com ele”.*

Nesta resposta a professora não deixa claro como é sua relação com o seu aluno especial, relata que faz adaptações, mas não especifica quais, reporta-se mais a expressar a relação da tutora com a criança do que a sua própria relação e seu aluno.

Sabe-se que a relação afetiva entre professor e aluno é muito importante no processo de ensino e aprendizagem pois,

[...] o professor, em sua relação com o aluno, conduz a apreensão dos significados tomados, como também dos conceitos elaborados, além de fazer uso de instrumentos e da própria linguagem em seu processo de ensino e aprendizagem tornando o conhecimento mais acessível. Ele atua como um agente de mediações entre o contato de seu aluno e a cultura que é desenvolvida na relação com os outros, proporcionando aquisição de conhecimentos a partir de circunstâncias diversas que geram a compreensão significativa. (ORRÚ, 2012, p. 98)

Entende-se assim, que a relação professor/aluno é de suma relevância, visto que o esse desempenha um papel de mediador entre o aluno e a aquisição do conhecimento, isso se torna mais imprescindível em se tratando da relação entre professor e o aluno espectro autista, por conta das especificidades desse tipo de criança.

A nona pergunta feita foi a seguinte: O seu aluno recebe acompanhamento extraescolar? Isto auxilia no seu processo de aprendizagem e socialização? De que forma? Obteve-se a resposta desta maneira:

- **K-** *“Sim. Ele faz acompanhamento com a Terapeuta Educacional, Fonoaudiologia, Psicopedagogia. Ajuda no seu desenvolvimento dentro da escola”.*

Segundo a professora **K**, o acompanhamento com diferentes especialistas colaboram para o desenvolvimento do seu aluno no contexto escolar.

Para Keinert & Antoniuk (2012, p. 320),

Para ter sucesso, a inclusão escolar deve ser baseada na troca ente a Escola e os profissionais que acompanham a criança para que as adaptações necessárias sejam concretizadas antes de seu início A primeira impressão é a que fica, portanto, ser recebido adequadamente no primeiro momento será fundamental.

Neste sentido, a comunicação entre a escola e os especialistas que conduzem o atendimento da criança espectro autista colabora para que se realize um trabalho em conjunto que facilite a melhora do desenvolvimento dessa criança de modo geral.

A décima e última questão teve a seguinte abordagem: A família desse aluno com espectro autista é presente junto ao trabalho da escola? Em que isso contribui para o progresso no desenvolvimento e aprendizagem desta criança? A professora respondeu:

- **K-** *“Sim. A família é bem participativa, sempre acompanha o seu desenvolvimento na escola, procura estar ajudando em tudo e isso conta e muito para o desenvolvimento dele.*

Com a resposta da professora, declarando que a família de seu aluno é participativa e colabora com tudo que se faz necessário para seu progresso escolar, constata-se que a presença e participação dos pais na escola é muito importante, como em todos os momentos da vida de seus filhos.

Surian (2010, p. 99), reforça a ideia acima, descrevendo,

Os pais agora são vistos pelos médicos e psicólogos como uma fonte de grande valor; não somente na fase do diagnóstico, mas também para a reabilitação. As intervenções educativas, nas melhores condições, são programadas e realizadas por psicólogos e

neuropsiquiatras com a participação ativa dos genitores, educadores e outros profissionais disponíveis nos serviços de saúde.

Desta forma, a participação dos pais é muito bem-vinda no processo de intervenção pois, esse papel ativo junto a reabilitação de seu filho, em muito colabora na melhora de seu desenvolvimento.

APÊNDICE B

A análise do questionário (Apêndice B) destinado à Pedagoga ocorreu através das perguntas a seguir.

A primeira pergunta foi a seguinte: Há quanto tempo atua como coordenadora pedagógica na Educação Infantil? A resposta foi a seguinte:

- **L-** *“4 anos ”.*

Verifica-se a partir da resposta dada que a pedagoga apresenta uma experiência considerável, levando em conta o tempo que trabalha na Educação Infantil.

A segunda pergunta teve o seguinte teor: Em sua escola há alunos diagnosticados como espectro autista? Quantos? E qual a faixa etária dos mesmos? Ao que respondeu:

- **L-** *“Sim, 4 (quatro) alunos entre, entre 4 (quatro) e 7(sete) anos”.*

Segundo a Pedagoga **L**, a escola atende no momento 4 (quatro) alunos com espectro autista, com idade de 4 (quatro) a 7 (sete) anos.

O preparo de todos os funcionários da Escola é o que proporciona o êxito da inclusão. De nada adianta o professor ser capacitado a desenvolver seu trabalho se aqueles que estão no entorno não se apercebem do processo. Crianças com transtorno mentais- os autistas, por exemplo- tem dificuldade de permanecer em ambientes fechados como a sala de aula. Costumam andar pela escola aparentemente sem rumo. Aparentemente por que suas andanças são seu modo de interagir com o ambiente. No momento em que circulam, estão percebendo as dinâmicas e “aprendendo” de modo diferenciado. (RAMOS, 2016, p42, 43).

Desse modo, não basta, apenas o professor estar preparado para a inclusão de crianças especiais, mas todos do contexto escolar devem estar preparados, uma vez que a criança espectro autista não consegue permanecer por muito tempo em

sala de aula, preferindo andar pela escola e interagindo com o ambiente e de certa forma aprendendo.

A terceira pergunta foi assim elaborada: Os professores que atuam com os alunos com espectro autista têm formação específica? Qual a formação?

- L - *“Sim, Educação Especial e Pedagogia ”*

Constata-se portanto, que as professoras que atuam com os alunos espectro autista, possuem formação na área da Educação Especial e em Pedagogia.

Quanto a importância da formação do professor,

A formação inscreve-se no percurso profissional do professor. Ela extrai sua significação de suas experiências anteriores, de seus êxitos, de suas derrotas. Ela assume um sentido em função de seus projetos pessoais e profissionais. Uma representação de aprendizados no percurso profissional, um dos papéis do formador é ajudar o professor a integrar a formação em seu percurso profissional. (PERRENOU et al, 2002. p. 99).

Assim, a construção da formação do professor se faz por meio de sua vivência pessoal ao longo de sua trajetória profissional e é isso que vai lhe proporcionar sucesso ou não, em sua prática pedagógica.

A quarta pergunta fez o seguinte questionamento: A escola oferece formação continuada aos professores em relação a pessoa com deficiência? Como acontece? A pedagoga respondeu:

- L- *“Nossa formação continuada acontece durante as reuniões pedagógicas com palestras de pessoas capacitadas em Educação Especial e por meio de vídeo e trocas de experiências entre os profissionais envolvidos com esses alunos. Essa troca de experiências vivenciada por outros profissionais é muito importante”.*

Certifica-se aqui que a formação continuada acontece no interior da escola de forma sistemática e que a troca de experiência entre os profissionais dão mais respaldo no trabalho com a criança especial. Com certeza essa parada na escola para o estudo é relevante pois,

Para que as práticas pedagógicas tomassem consciência, observamos a necessidade de as professoras comunicarem-se e partilharem suas ideias, incertezas e experiências com as demais colegas. Desse modo, enfocamos o valor e a relevância das

discussões em grupo, para a prática reflexiva e transformadora na vida pessoal e profissional do professor. (ORRÚ, 2012, p. 155)

Assim descrito, reforça-se a necessidade do constante aprimoramento da ação pedagógica por meio de trocas de experiências e estudos constantes.

A quinta pergunta, vem questionar a pedagoga desta forma: Em relação ao planejamento escolar, é feita uma adaptação curricular para atender o aluno com espectro autista? De que forma? Foi assim respondido:

L-“Normalmente as professoras fazem o planejamento e contam com o auxílio das professoras tutoras para a adaptação das atividades para que elas possam atender a individualidade de cada um desses alunos”.

A pedagoga afirma que as professoras geralmente fazem o planejamento, mas quem faz as adaptações do planejamento são as professoras tutoras. O ideal seria que a própria professora realizasse as adaptações necessárias para que as tutoras colocassem em prática.

Em relação ao planejamento escolar Libâneo (2013,p.245) afirma,

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa reflexão intimamente ligado a avaliação.

Entende-se assim, que o planejamento escolar contém a previsão das tarefas e atividades que serão realizadas no ano letivo, com seus objetivos, revisão e adequação necessários.

A sexta pergunta, referiu-se: Nas salas onde tem presente o aluno com espectro autista, existe a presença de um professor tutor? Em que este profissional contribui para a melhoria no processo de ensino, aprendizagem e socialização dessa criança? A resposta foi a seguinte:

L –“Nos casos que há necessidade sim”. Esses profissionais têm um papel muito importante pois tem a função de transmitir tudo que é passado pelo professor, na linguagem da criança de forma simples e concreta. Ele é o mediador entre o professor e o (a) aluno (a). Esse profissional facilita dando apoio e dicas, facilitando o seu desempenho

tanto na questão da aprendizagem, estímulo à autonomia quanto na socialização com todos.

De acordo com a resposta da pedagoga, professor tutor tem papel decisivo no auxílio tanto em relação ao professor como no trabalho com o aluno espectro autista colaborando na qualidade de seu ensino e aprendizagem, quanto a importância desse profissional tem-se descrito,

Um profissional importante no tratamento e no processo pedagógico dessa criança é o mediador escolar. Ele é o elo entre educadores e pais e o estudante. Encontros regulares entre orientador escolar, professores, mediador, psicólogo comportamental e pais ajudam na constante elaboração de metas e implementações de novas estratégias para ajudar o estudante. (TEIXEIRA, 2016, p. 69,70)

Certifica-se assim que, o trabalho do mediador escolar, é muito importante, pelo fato de ser o elo entre o professor e o aluno, entre educadores e pais e outros profissionais necessários, todos devem trabalhar em equipe para alcançar as metas propostas para o desenvolvimento desse aluno, na aprendizagem e na socialização entre outros.

Na sétima pergunta foi feito o seguinte questionamento: Qual sua opinião em relação a inclusão da criança com espectro autista no contexto do ensino regular? Sendo sua resposta:

L-“Acredito sim na inclusão dessas crianças. Nos dias atuais, vivemos em uma época em que a inclusão deve ser trabalhada em todos os ambientes, principalmente no ambiente escolar, pois é nele que o ser humano é preparado para viver em sociedade. O ambiente escolar deve ser para esses alunos um espaço de relação, de construção da autonomia e de resoluções de problemas e de aprendizagem. Acredito que o processo de inclusão deve ter como base primeiramente a aceitação, e respeito e também o esclarecimento sobre a condição do aluno com espectro autista. “

A partir da resposta acima verifica-se que a pedagoga possui uma consciência quanto ao processo de inclusão no contexto escolar, ao expressar a necessidade de todo ambiente estar preparado para receber e dar suporte de

permanência dessa criança espectro autista de forma significativa para garantir-lhe a qualidade no ensino e sociabilidade que tanto precisa.

A inclusão é decisiva para que a pessoa com deficiência tenha sucesso no âmbito escolar a esse respeito:

[...] inclusão social e educacional abrange muito mais do que simplesmente estar inserido no meio, significa realmente fazer parte de um processo, participando ativamente deste, como sujeito que dá e que recebe, participando de todos os momentos e sendo aceito como é. Quando se fala em inclusão, devemos sempre ter em mente o processo em que o sujeito está inserido, muito mais que no resultado deste. As palavras mágicas: paciência, tolerância, e coerência, devem estar à nossa frente em todos os momentos. (KENERT e ANTONIUK, 2012, p. 319)

Sabe-se que quando se fala de inclusão, mesmo em nossos dias não é algo tão fácil como se pensa, a pessoa incluída deve ter o direito de participar de todas as atividades juntamente com os outros alunos e preferencialmente ser aceita por todos.

Diante dos dados coletados pode-se detectar o quanto é necessário todos os segmentos da escola estarem preparados para receber todo e qualquer tipo de aluno, inclusive a criança especial, para que realmente a inclusão possa acontecer de fato e de direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar de que forma se sistematiza a ação pedagógica referente a socialização e aprendizagem da criança espectro autista no ambiente da sala de aula da Educação Infantil.

Para isso foi aplicado dois questionários, um para a professora regente de classe e outro para pedagoga da Educação Infantil de uma escola particular de ensino de Ponta Grossa/ Pr, com a intencionalidade de se conhecer como acontece a prática do professor em relação à criança espectro autista.

De acordo com as participantes da pesquisa, para que ocorra a inclusão e de certa forma sucesso no processo de ensino e aprendizagem da criança espectro autista no ambiente escolar, o professor deve se utilizar de diferentes estratégias de ensino, inclusive de metodologias específicas como TEACCH -Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos da Comunicação e o PCS - Sistema de Comunicação por Troca de Figuras.

Desta forma, a pesquisa contribuiu para se certificar que a mediação correta do professor em relação à criança espectro autista em sala de aula, utilizando-se de diferentes metodologias possibilitará ganhos significativos no processo da socialização, interação social e linguagem dessa criança oportunizando-lhe melhores condições de aprendizagem e conseqüentemente de inclusão.

Almeja-se que esse estudo possa ser referencial para outras pesquisas, pois, o tema aqui estudado não se encerra e certamente poderá colaborar para futuras reflexões e debates sobre o papel do professor e a criança espectro autista no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

CORNEL, A. E. M. V. Impacto do diagnóstico. IN: OMARI, C.; VALIAT, M. R. M. S; GUSSO, M.R; CARVALHO, M. M. L; WEHMUTH, M. et al. ANTONIUK. **Autismo perspectiva no dia a dia**. Curitiba: Ítala, 2013.

FRANCO, M. A. M.; GUERRA, L. B. **Práticas pedagógicas em contexto de inclusão**. Jundiaí: Paco Editorial,2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários À Pratica Educativa. São Paulo. Paz e Terra, 2011.

GAIATO, M. B.; REVELES, L. T.; SILVA, A.B. B.. **Mundo singular-** Entenda o Autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

JUNIOR, F. P. S. **Autismo não espere, aja logo-** Depoimento de um pai sobre os sinais de autismo-São Paulo: M. Books do Brasil, 2012.

KEINERT, M. H. J. M.; ANTONIUK, S. A. **Espectro autista**. Curitiba. Íthala, 2012.

LAURENT, E. **A batalha do autismo** - Da clínica a política. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo. Cortez, 2013.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo guia prático**. São Paulo: AMA; Brasília: Corte, 2005

OMARI, C.; VALIATI, M. R. M. S.; WEHMUTH, M. et al. ANTONIUK. **Autismo perspectiva no dia a dia**. Curitiba: Ítala, 2013

ORRÚ, S. E.; **Autismo linguagem e educação**. Rio de Janeiro. Wak, 2012.

PAGUAY, L.; PARANOID, P.; ALTED, M.; CHARLIER, É. **Formando professores profissionais**. Porto Alegre. Cortez,2001.

PERRENOUD, P. et al. **As Competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMOS, R. **Inclusão na prática**. Estratégias Eficazes Para A Educação Inclusiva. São Paulo. Summus,2016.

ROCHA, P. S. **Autismos-** São Paulo: Escuta, 1997.

SANDBERG, E. H.; SPRITZ, B. L. **Breve guia para tratamento do autismo**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2017.

SANTOS, A. B.; Lima, J. S. C.; et al. ANTONIUK. **Autismo perspectiva no dia a dia**. Curitiba: Ítala, 2013.

SILVA, J. O.; NEVES, I. C. **Da formação do professor às práticas pedagógicas**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

SURIAN, L.; **Autismo–Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais da saúde**. São Paulo: Paulinas, 2010.

TEIXEIRA, G. **Manual do Autismo-** Rio de Janeiro: Best Seller Ltda., 2016.

VIANA, I. O. A. **Planejamento participativo na escola**. São Paulo: EPU,2000.

APÊNDICE



INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA

FACULDADE SANT'ANA – Recredenciada pela Portaria MEC nº 1473 de 07 de Outubro de 2011.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA – Credenciado pela Portaria MEC nº 2812 de 3 de outubro de 2002

Rua Pinheiro Machado, 189 – Ponta Grossa – PR - CEP 84010-310 – (42) 3224-0301

<http://www.iessa.edu.br> - secretaria @iessa.edu.br

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

PREZADO PROFESSOR

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Sant'Ana, que tem como temática: A criança com espectro autista: possibilidades e desafios em seu processo de socialização e aprendizagem.

Solicitamos tua valiosa contribuição no sentido de responder as questões abaixo com a certeza que teu nome, bem como o de tua Instituição não será identificado. Tuas respostas serão valiosas para nossa pesquisa.

Agradecemos antecipadamente tua valiosa contribuição.

Atenciosamente,

Leoni Lupke Espin
Acadêmica Pesquisadora

Prof.^a Anália de Fátima Costa
Orientadora

01- Qual sua formação? Há quanto tempo atua na Educação Infantil?

02- Em sua sala de há alguma criança diagnosticada como espectro autista?

() sim () Não

Idade da criança com espectro autista: _____

03- Qual metodologia você utiliza para trabalhar com o aluno espectro autista?
Realiza adaptação curricular? De que forma?

04- Em relação a aprendizagem deste aluno espectro autista como ela acontece?
Quais suas principais dificuldades e facilidades no aprender?

05- Durante o decorrer das aulas o aluno espectro autista se socializa com os demais alunos? Como acontece essa interação?

06- Como se realiza a avaliação desse aluno espectro autista?

07- Você recebe orientação para trabalhar com o aluno espectro autista? Como isso ocorre?

08- Como acontece a relação do professor e o aluno com espectro autista?

09- O seu aluno recebe acompanhamento extraescolar? Isto auxilia no seu processo de aprendizagem e socialização? De que forma?

10- A família desse aluno com espectro autista é presente junto ao trabalho da escola? Em que isso contribui para o progresso no desenvolvimento e aprendizagem desta criança?



INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA

FACULDADE SANT'ANA – Recredenciada pela Portaria MEC nº 1473 de 07 de Outubro de 2011.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA – Credenciado pela Portaria MEC nº 2812 de 3 de outubro de 2002

Rua Pinheiro Machado, 189 – Ponta Grossa – PR - CEP 84010-310 – (42) 3224-0301

<http://www.iessa.edu.br> - secretaria @iessa.edu.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

PREZADA COORDENADORA PEDAGÓGICA

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Sant'Ana, que tem como temática: A criança com espectro autista: possibilidades e desafios em seu processo de socialização e aprendizagem

Solicitamos sua valiosa contribuição no sentido de responder às questões abaixo com a certeza que seu nome bem como o de sua Instituição não será identificado. Suas respostas serão valiosas para nossa pesquisa.

Agradecemos antecipadamente sua valiosa contribuição.

Atenciosamente,

Leoni Lupke Espin
Acadêmica Pesquisadora

Prof.^a Anália de Fátima Costa
Orientadora

01-Há quanto tempo atua como coordenadora pedagógica na Educação Infantil?

02- Em sua escola há alunos diagnosticados como espectro autista? Quantos? Qual a faixa etária dos mesmos?

03- Os professores que atuam com os alunos com espectro autista têm formação específica?

() Sim

() Não

Qual a formação? _____

04- A escola oferece formação continuada aos professores em relação a pessoa com deficiência? Como acontece?

05- Em relação ao planejamento escolar, é feito uma adaptação curricular para atender o aluno com espectro autista? De que forma?

06- Nas salas onde tem presente o aluno com espectro autista, existe a presença de um professor tutor? Em que este profissional contribui para a melhoria no processo de ensino, aprendizagem e socialização dessa criança?

07- Qual sua opinião em relação a inclusão da criança com espectro autista no contexto do ensino regular?



INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA

FACULDADE SANT'ANA – Recredenciada pela Portaria MEC nº 1473 de 07 de Outubro de 2011.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA – Credenciado pela Portaria MEC nº 2812 de 3 de outubro de 2002

Rua Pinheiro Machado, 189 – Ponta Grossa – PR - CEP 84010-310 – (42) 3224-0301

<http://www.iessa.edu.br> - secretaria @iessa.edu.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Ponta Grossa, ____ de _____ de _____.

Ilustríssimo (a) Senhor (a)

Eu, Anália Maria de Fátima Costa, responsável principal pelo projeto de conclusão de curso, operacionalizado pelo (a) acadêmico(a) Leoni Lupke Espin, venho pelo presente, solicitar vossa autorização para realizar este projeto de pesquisa no Colégio Sant Ana, na Turma do Infantil V, da Educação Infantil, para o trabalho de pesquisa sob o título *“A criança com espectro autista: possibilidades e desafios em seu processo de socialização e aprendizagem”*

Este projeto de pesquisa atendendo o disposto na Resolução CNS 466 de 12 de Dezembro de 2012, tem como objetivo: *“analisar processo de ensino, aprendizagem e socialização da criança com espectro autista no contexto da Educação Infantil”*.

Os procedimentos adotados serão através de dois questionários contendo perguntas abertas e fechadas. Esta atividade não apresenta riscos por ser uma pesquisa qualitativa que geralmente não existe desconforto ou riscos físicos ao participante. No entanto o participante poderá se sentir incomodado em responder alguma pergunta do questionário que julgue de cunho pessoal ou confidencial. Neste caso, o pesquisador deixará claro que o participante não precisa responder a qualquer pergunta caso se sinta desconfortável em falar. Sendo assim, a presente pesquisa não apresentará riscos diretos ou indiretos aos sujeitos envolvidos.

Espera-se com esta pesquisa, comprovar que há possibilidade de aprendizado e socialização do aluno com espectro autista de acordo com suas possibilidades e limitações, como os demais alunos em sala de aula. Qualquer informação adicional poderá ser obtida através do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Sant'Ana e pelos pesquisadores Anália Maria de Fátima Costa pelo fone (42)991316727 e pelo e-mail: amfc.20@gmail.com e Leoni

Lupke Espin pelo e-mail: lupkeleoni@gmail.com e pelo fone (42) 99907-4173 ou (42) 3028-0233.

A qualquer momento vossa senhoria poderá solicitar esclarecimento sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá retirar tua autorização. Os pesquisadores estarão aptos a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para solucionar ou contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e que, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição como nome, endereço e outras informações pessoais não serão em hipótese alguma publicados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa, causar qualquer tipo de dano aos participantes, nós pesquisadores nos comprometemos em reparar este dano, e ou ainda prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Eu, Ir. Maria Aluisia Rhoden, responsável pelo Colégio Sant'Ana, declaro que fui informada dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, a qualquer momento como instituição CO-PARTICIPANTE desta pesquisa poderemos revogar esta autorização, se comprovada atividades que causem algum prejuízo à esta instituição ou ainda, a qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes da mesma. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Conforme Resolução CNS 466 de 12/12/2012 a pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos.

Informamos ainda, que é prerrogativa desta instituição proceder a reanálise ética da pesquisa, solicitando, portanto, o parecer de ratificação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos desta Instituição.

Pesquisador	Responsável pela Instituição
Pesquisador Participante	



INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA

FACULDADE SANT'ANA – Recredenciada pela Portaria MEC nº 1473 de 07 de outubro de 2011.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA – Credenciado pela Portaria MEC nº 2812 de 3 de outubro de 2002

Rua Pinheiro Machado, 189 – Ponta Grossa – PR - CEP 84010-310 – (42) 3224-0301

<http://www.iessa.edu.br> - secretaria @iessa.edu.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Nós, Prof.^a Anália de Fátima Costa e Leoni Lupke Espin, pesquisadoras da Faculdade Sant'Ana, convidamos o (a) Senhor(a) a participar da pesquisa: “A criança com espectro autista: possibilidades e desafios em seu processo de socialização e aprendizagem”.

O objetivo desta pesquisa é: analisar processo de ensino, aprendizagem e socialização da criança com espectro autista no contexto da Educação Infantil.

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que teu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). Tua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

A tua participação será através de respostas de um questionário contendo 9 (nove) perguntas abertas e 1 (uma) fechada.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição de Ensino Superior Sant' Ana podendo ser publicados posteriormente e em nenhum momento teu nome será divulgado. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser: sendo a pesquisa qualitativa geralmente não existe desconforto ou riscos físicos ao participante. No entanto o participante poderá se sentir incomodado em responder alguma pergunta do questionário que julgue pessoal ou confidencial. Neste caso, o pesquisador deixará claro que o participante não precisa responder a qualquer pergunta que se sinta desconfortável em falar. Sendo assim, a presente pesquisa não apresentará riscos diretos ou indiretos às pessoas envolvidas.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são: apresentar como o professor pode conduzir sua ação pedagógica de forma a beneficiar o processo de socialização e do ensino e aprendizagem da criança com espectro autista de acordo com suas possibilidades e limitações, inclusa no ambiente da educação Infantil.

No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

Os pesquisadores: Anália Maria de Fátima Costa pelo fone (42)991316727 e pelo e-mail: amfc.20@gmail.com e Leoni Lupke Espin pelo e-mail: lupkeleoni@gmail.com e pelo fone (42) 99907-4173 ou (42) 3028-0233, responsáveis por este estudo poderão ser contatados para esclarecer eventuais dúvidas que possa ter e fornecer-te as informações que necessita, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

Se você tiver dúvidas sobre teus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos –CEP/SANT’ANA pelo Telefone (42) 32240301. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger teus direitos.

As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas neste caso, a Ir. Suzna Lucia Rhoden- Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a tua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade.

Quando os resultados forem publicados, não aparecerá teu nome, e sim um código.

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios e entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Nome e Assinatura do participante da pesquisa ou responsável legal)

Local e data

(Somente para o responsável pelo projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou do responsável legal para a participação neste estudo.

(Nome e Assinatura do Pesquisador ou quem aplicou o TCLE)

Local e data

Obs: Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o participante da pesquisa



INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA

FACULDADE SANT'ANA – Recredenciada pela Portaria MEC nº 1473 de 07 de outubro de 2011.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO SANT'ANA – Credenciado pela Portaria MEC nº 2812 de 3 de outubro de 2002

Rua Pinheiro Machado, 189 – Ponta Grossa – PR - CEP 84010-310 – (42) 3224-0301

<http://www.iessa.edu.br> - secretaria @iessa.edu.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Nós, Prof.^a Anália de Fátima Costa e Leoni Lupke Espin pesquisadores da Faculdade Sant'Ana, convidamos o (a) Senhor(a) a participar da pesquisa: A criança com espectro autista: possibilidades e desafios em seu processo de socialização e aprendizagem.

O objetivo desta pesquisa é: analisar processo de ensino, aprendizagem e socialização da criança com espectro autista no contexto da Educação Infantil.

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e asseguramos que teu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). Tua participação neste estudo é voluntária e, caso não queira mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

A tua participação será através de respostas de um questionário contendo 6 (seis) perguntas abertas e 1 (uma) fechada.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição de Ensino Superior Sant' Ana podendo ser publicados posteriormente e em nenhum momento teu nome será divulgado. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser: sendo a pesquisa qualitativa geralmente não existe desconforto ou riscos físicos ao participante. No entanto o participante poderá se sentir incomodado em responder alguma pergunta do questionário que julgue pessoal ou confidencial. Neste caso, o pesquisador deixará claro que o participante não precisa responder a qualquer pergunta que se sinta desconfortável em responder Sendo assim, a presente pesquisa não apresentará riscos diretos ou indiretos às pessoas envolvidas.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são: apresentar como o professor pode conduzir sua ação pedagógica de forma a beneficiar o processo de socialização e do ensino e aprendizagem da criança com espectro autista de acordo com suas possibilidades e limitações, inclusa no ambiente da educação Infantil.

No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

Os pesquisadores: Anália Maria de Fátima Costa, fone (42)991316727 e e-mail: amfc.20@gmail.com e Leoni Lupke Espin, e-mail: lupkeleoni@gmail.com e fone (42) 99907-4173 ou (42) 3028-0233, responsáveis por este estudo poderão ser contatados para esclarecer eventuais dúvidas que possa ter e fornecer as informações que necessita, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

Se você tiver dúvidas sobre teus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos –CEP/SANT’ANA pelo Telefone (42) 32240301. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, neste caso a Ir. Suzana Lucia Rhoden - Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a tua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade.

Quando os resultados forem publicados, não aparecerá teu nome, e sim um código.

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios e entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Nome e Assinatura do participante da pesquisa ou responsável legal)

Local e data

(Somente para o responsável pelo projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou do responsável legal para a participação neste estudo.

(Nome e Assinatura do Pesquisador ou quem aplicou o TCLE)

Local e data

Obs: Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o participante da pesquisa